

A LITERATURA FRANCESA NA INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA

Kate Constantino Oliveira (Unit - SE)*

Luiz Eduardo Oliveira (UFS)**

RESUMO: Este trabalho pretende analisar o modo como a literatura francesa é representada e ensinada nos capítulos a ela referentes em livros de história literária produzidos para o ensino secundário, sobretudo para o Colégio Pedro II, entre 1873 e 1940. Para tanto, servimo-nos da historiografia política e educacional relacionada a cada época, bem como da legislação referente ao ensino de línguas e literaturas correspondentes. Assim, levamos em conta não somente as correntes teóricas e metodológicas defendidas ou adotadas pelos autores, mas também o lugar institucional por eles ocupados e as condições de produção, publicação e circulação de compêndios escolares no período recortado. Tal recorte justifica-se pelos anos de publicação do *Resumo de História Literária* (1873), do Cônego Fernandes Pinheiro, com o qual iniciamos nossa análise, por considerarmos ser esse o livro que inicia, por assim dizer, a historiografia brasileira da literatura francesa, e de *Noções de História das Literaturas* (1940), de Manuel Bandeira, último livro do gênero a ser publicado durante a vigência da reforma do ministro do Estado Novo Gustavo Capanema, que mantinha tal conteúdo no currículo da instrução secundária. A sua supressão dar-se-á com uma reforma educacional de 1951, passando o ensino da literatura francesa a restringir-se aos cursos superiores de Letras.

Palavras-chave: Ensino de Literatura; Literatura Francesa; História da Educação.

Introdução

Durante todo o século XIX, o ensino das línguas estrangeiras, no Brasil, esteve dissociado da sua literatura, ou pelo menos de sua história literária, uma vez que esta se encontrava incluída nos programas de disciplinas alheias – retórica, literatura geral e depois história da literatura. Não é de surpreender, portanto, que o primeiro registro da historiografia brasileira da literatura francesa tenha sido feito num compêndio didático de história da literatura universal – o *Resumo de História Literária* (1873), do Cônego Fernandes Pinheiro –, o que não deixa de ser uma consequência do caráter ao mesmo tempo enciclopédico, utilitário e informativo do currículo dos estudos secundários, cada vez mais destinados à preparação de candidatos para os cursos superiores – principalmente os jurídicos, cujos programas humanistas e universalistas condicionavam as estruturas dos colégios.

As reformas da 1.^a República não conseguiram alterar o quadro do ensino de literatura já desenhado nos tempos do Império. A literatura universal, desaparecendo aos poucos do currículo destinado aos estudos secundários, ressurgiu apenas no final do período, quando da expedição do Decreto Federal n.º 18.564, de 15 de janeiro de 1929,

* Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes (SE).

** Professor do Departamento de Letras Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

proposto pela congregação do Colégio Pedro II e homologado pelo Conselho Nacional do Ensino. Mesmo quando se propôs a inserção da “evolução literária” no programa de inglês – Decreto n.º 8.660, de 5 de abril de 1911, assinado pelo ministro Rivadávia Correia –, as literaturas estrangeiras continuaram sendo estudadas como matérias isoladas do ensino da língua.

A literatura francesa, por exemplo, apesar de ter objetivos, metodologia e conteúdo pela primeira vez sistematizados, através da Portaria de 17 de março de 1936, assinada pelo ministro Gustavo Capanema, ainda durante a vigência da reforma de Francisco Campos, era estudada isoladamente, no programa de literatura geral da primeira série do “curso complementar” – válido apenas para o curso pré-jurídico –, que abrangia também as literaturas de vários outros países. Tal regulamento justifica o grande número de compêndios escolares de história da literatura universal que passaram a ser produzidos e publicados a partir de então.

Apenas em 1943, com a Portaria Ministerial n.º 148, de 15 de fevereiro, assinada pelo ministro do Estado Novo Gustavo Capanema – que pôs em execução, durante o seu mandato, uma série de regulamentos intitulados Leis Orgânicas do Ensino –, o estudo das literaturas estrangeiras passou a fazer parte das cadeiras das línguas correspondentes, sendo as “noções gerais de literatura” transferidas para o programa de português da primeira série. A nova lei, entretanto, só vigorou até 1951, quando foi emitida a Portaria n.º 614, de 10 de maio, assinada pelo ministro Simões Filho, que, simplificando os programas de várias disciplinas do curso secundário, suprimiu do programa das línguas estrangeiras o estudo de suas respectivas literaturas.

O ensino da Literatura Francesa na instrução secundária brasileira é por nós analisado a partir de uma apresentação da sistematização do conteúdo de ensino dos compêndios de história da literatura francesa publicados em Portugal, na França e no Brasil entre os anos de 1873 à 1946. Iniciamos a pesquisa com a obra **Resumo de Historia Litteraria**, do Cônego Fernandes Pinheiro, lançada em 1873. O estudo segue com a obra de Frédéric Godefroy, publicado em 1879 e intitulado **Histoire de la Littérature Française**. De Ferdinand Brunetière são a terceira e quarta obras analisadas. Em 1898 é publicado **Manuel de l’Histoire de la Littérature Française** e em 1919, **Histoire de la Littérature Française**. Na década de 1920, mais especificamente no ano de 1926 é lançado **Notions d’Histoire Littéraire: Littératures anciennes - Littérature française - Littératures étrangères. Avec des Extraits des principaux écrivains**, dos irmãos Pauthier. Em 1932, no Rio de Janeiro é publicado

Noções de História de Literatura Geral, de Afranio Peixoto. A obra **Noções de História das Literaturas**, de Manuel Bandeira, publicada em 1946 é o último compêndio aqui pesquisado.

Compêndios de Literatura Francesa

Resumo de Historia Litteraria, de 1873, do Cônego Fernandes Pinheiro é o nosso primeiro manual de ensino de literatura a ser discutido. Seu autor, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825 – 1876) foi sem dúvida um dos mais conhecidos intelectuais da vida cultural do Brasil do século XIX com uma biografia que nos revela uma admirável dedicação às letras brasileiras. Publicado em dois volumes, a obra foi elaborada numa tentativa de sistematização das literaturas tidas como universais. Construindo uma narrativa histórica, *Resumo de Historia Litteraria* configura-se como um estudo panorâmico de representação das literaturas ocidentais. Em nota introdutória, o autor da obra nos apresenta o conceito de literatura definido como sendo “o conjunto das produções escriptas d’um paiz e durante uma epocha, ou de todos os paizes e em todas as epochas.” (PINHEIRO, 1873, p. 9). Com um sistema de apresentação do conteúdo baseado na exaltação retórica das qualidades dos autores e de suas obras bem como de uma notória preocupação com a história política das importantes nações ocidentais, a história das literaturas é construída. À “Literatura Franceza” são tecidas algumas ponderações em seu Livro Quinto. Nesta seção a história da literatura francesa é contada abordando os feitos literários do século XI ao século XIX.

Também do século dezoete é o manual de Frédéric Godefroy (1826- 1897). Professor de língua e literatura francesas, Godefroy é reconhecido pela produção de importantes manuais de ensino. *Histoire de la Littérature Française* é a sua obra mais notável e com a qual recebeu o prêmio da Academia Francesa. Sua primeira publicação data de 1860 sendo por nós analisada a sua segunda edição, de 1879. No prefácio da obra, o autor nos esclarece os motivos do atraso da publicação deste volume: a Guerra Franco-Prussiana (1870 - 1871) e a Comuna de Paris (1871). Com estes acontecimentos uma parte considerável dos manuscritos de sua mais importante obra foi destruída obrigando o autor a reescrever quase toda obra por completo atrasando assim sua publicação. No primeiro momento da obra foi feito um levantamento sobre os iniciadores do movimento literário do século dezenove ganhando destaque a produção de Chateaubriand e de Madame de Staël. A filosofia e a eloquência também ganham capítulos a parte e são analisados por Godefroy. No segundo momento da obra é dado

destaque a história sendo relacionados acontecimentos históricos à produção literária. São por Godefroy também analisadas cartas, perfis históricos e políticos, memorandos e confidencias.

Ainda no século dezenove foi publicado, em Paris, *Manuel de l'Histoire de la Littérature Française*, de Ferdinand Brunetière. Ferdinand Vincent-Paulo Marie Brunetière (1849 – 1906) foi um escritor e crítico francês, membro da Academia Francesa em 1893 e professor de língua e literatura na *École Normale*. Seguindo uma proposta de abordagem mais ampla e mais detalhada da história da literatura francesa que os demais manuais de ensino por nós analisados, alguns aspectos propostos na construção desta obra merecem ser apontados. A obra completa é gigantesca e propõe-se ao estudo da história da literatura francesa percorrendo os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. O primeiro volume foi publicado sob os cuidados de Brunetière e parte pelo M. Michaut e M. René Doumic (1860-1937). Já os volumes dois e três tiveram a sua redação confiada ao professor de literatura francesa da Universidade de Bordeaux, Albert Chérel (1880-1962) e lançados ainda antes da Primeira Grande Guerra. O longo prefácio, assinado pelo autor do *Manuel de l'Histoire de la Littérature Française*, é uma crítica ao ensino da história da literatura francesa baseado na habitual divisão cronológica da história literária em séculos e em gêneros literários. Substituindo este modelo tradicional é adotada uma divisão no que o autor chama de *Époques Littéraires*¹. Em comparação ao tratamento que a história dá às ciências exatas como a física e a química, modernos conhecimentos científicos, Brunetière critica:

E, de fato, uma vez que não datamos os pontos da física ou da química que marcam a passagem de um século para outro, nem mesmo a posse de um príncipe, quais razões em datar àqueles da história da literatura? No decurso dos anos de 1800 os escritores achavam que estavam no século dezenove; e acreditaremos que eles se esforçaram em diferenciar-se deles mesmos em primeiro de janeiro de 1801?²(BRUNETIÈRE, 1898, p. II)

A divisão por gêneros também é condenada por Brunetière como artificial e arbitrária uma vez que “os gêneros não se definem, como as espécies da natureza, pelas lutas mantidas a todo tempo uns contra os outros” (BRUNETIÈRE, 1898, p. II). Dessa

¹ Épocas Literárias.

² “Et en effet, puisque l'on ne date point les époques de la physique ou celles de la chimie du passage d'un siècle à un autre, ni même de l'avènement d'un prince, quelles raisons y a-t-il d'en dater celles de l'histoire d'une littérature? Dans le courant de l'année 1800 les écrivains ont-ils songé qu'ils allaient être du dix-neuvième siècle; et croirons-nous qu'ils se soient évertués à différer d'eux-mêmes pour le 1er janvier 1801?” (BRUNETIÈRE, 1898, p. II) Tradução realizada pela autora.

forma, as *Épocas Literárias* não deveriam ser datadas senão pelo que o autor chama de acontecimentos literários, – a aparição das *Lettres Provinciales*, ou a publicação do *Génie du Christianisme* são citados como exemplos; – por estarem eles não somente de acordo com a realidade mas por serem o único meio existente para imprimir na história da literatura o movimento dos acontecimentos, sem o qual não existe história. (BRUNETIÈRE, 1898)

O volume *Histoire de la Littérature Française*, correspondente a produção literária do século dezanove, foi redigido segundo o mesmo método utilizado pelos seus predecessores e com a ajuda dos mesmos elementos de trabalho e publicado em 1919. Baseado nos minuciosos planos de aulas da disciplina Literatura Francesa, ministrada por Brunetière na *École Normale Supérieure*, este volume é ainda mais enriquecido por se utilizar das anotações dos cadernos de M. Victor Giraud, então aluno de Brunetière. No prefácio da obra, assinado por Albert Cherel, a estratégia de ensino utilizada por Brunetière é vista como inovadora para a época.

Mais de uma vez percebemos, às vezes com surpresa — notadamente no capítulo sobre Béranger — um tom familiar, algumas piadas; o que nos tranquilizou: elas foram transcritas exatamente da mesma maneira; Brunetière, ele mesmo, havia o cuidado de os recopiar de maneira clara, em seu belo papel, sua escrita certa e grave. Em outros lugares aparece esta “chama da paixão”, que animava todos os seus discursos. (BRUNETIÈRE, 1919, p. VI)³

O tom descontraído utilizado nas conferências de Brunetière na *École Normale* é característica no texto do manual buscando Brunetière não se reportar nem aos eruditos, nem aos jovens mas aos estudantes do curso normal, à “seus Normalistas”, que ele desejava enriquecer e formar o espírito. (BRUNETIÈRE, 1919, p. VI). Dessa maneira, os planos de aulas, as composições, os modelos de lições ganham lugar de destaque na obra. Entra em discussão o método utilizado na exposição dos conteúdos sendo ponderados seus procedimentos de análise. A divisão cronológica dos acontecimentos segundo os governos da França (de 1800 a 1815, de 1815 a 1830, de 1830 a 1848, de 1848 a 1870 e de 1870 aos dias atuais) é preterida pela divisão por gêneros. O autor assim se identifica com o método de exposição dos conteúdos segundo ele “mais livre, mas não menos artificial” e a história da literatura francesa é apresentada segundo uma

³ “Plus d'une fois on remarquera, avec étonnement peut-être — dans le chapitre sur Béranger notamment— certains tours familiers, certaines plaisanteries; que l'on se rassure: elles ont été transcrites très exactement; Brunetière lui-même avait eu soin de les mettre au net, sur son beau papier, de son écriture droite et grave. Ailleurs apparaîtra cette « flamme de passion », qui animait tous ses discours”. (BRUNETIÈRE, 1919, p. VI) Tradução realizada pela autora.

divisão em gêneros literários: história da prosa (filosofia, história, crítica, romance) e história da poesia (lirismo e teatro).

Já *Notions d'Histoire Littéraire: Littératures anciennes - Littérature française - Littératures étrangères. Avec des Extraits des principaux écrivains*, elaborado a quatro mãos por H. Pauthier e J. Pauthier, professores do Liceu Condorcet e do Liceu de Tunis, respectivamente, é um rico manual de história das literaturas francesa e estrangeiras com sua primeira publicação datada do ano de 1901. Escrita em língua francesa e destinada à instrução primária e secundária dos jovens, a obra analisada está em sua oitava edição, impressa pela Librairie Armand Colin situada no célebre Boulevard Saint-Michel, em Paris, na França de 1926. A obra conta com um “*Avertissement*”, um prefácio assinado pelos autores no qual é apresentado o objetivo principal da obra bem como as partes que a compõem. Segundo H. Pauthier e J. Pauthier a finalidade da publicação desta obra seria a de apresentar um “*exposé succinct de notre histoire littéraire*”, ou seja, um resumo da história da literatura francesa. Para atingir tal propósito, os autores nos advertem da necessidade de também se discutir os modelos desenvolvidos pelas literaturas grega e latina, fontes primárias da literatura francesa moderna. Pospondo às discussões sobre a história da literatura francesa são expostas como complemento do presente trabalho, segundo palavras dos autores, algumas considerações acerca das literaturas estrangeiras, àquelas consideradas pela historiografia literária como de maior contato com a literatura francesa. De maneira objetiva são expostas para os jovens estudantes as tendências ou regras gerais que caracterizam cada período e cada escola literária. A obra traz ao final de cada capítulo extratos dos principais escritores oferecendo aos leitores um exemplo do gênero literário bem como do estilo de cada escritor possibilitando assim a apreciação dos principais escritores e suas obras. A utilização, pelos leitores, destes extratos literários permitia a construção de suas próprias apreciações sobre o tema discutido bem como o controle do rigor científico sobre as ponderações apresentadas pelos autores do manual.

Notions d'Histoire Littéraire: Littératures anciennes - Littérature française - Littératures étrangères. Avec des Extraits des principaux écrivains buscando construir a história da literatura francesa afirma que os elementos que a constituem e que são sinalizados pela história das literaturas ocidentais como sendo de outrem são na realidade de origem francesa talhando, desse modo, o espírito nacionalista na educação de seus jovens por meio da literatura nacional francesa.

Eles (os alunos) se convencerão de que, neste intercâmbio contínuo de obras e idéias, a França deu mais do que recebeu. Ela vai procurar às vezes em seus vizinhos isto que eles mesmos, em outros momentos, tinham aprendido com ela: seus empréstimos são frequentemente recuperações; seus dons, restituições disfarçadas⁴. (PAUTHIER, H, PAUTHIER, J., 1926, p. VI)

O volumoso manual é dividido em três partes: literatura antiga, literatura francesa e literatura estrangeira. A segunda e mais volumosa parte da obra preocupa-se ao longo de trinta e seis capítulos com a história da literatura francesa. O Capítulo I, nomeado de *Origens da Língua Francesa* aborda questões a cerca da transformação do latim em língua romana. Neste curto capítulo o texto *Serments de Strasbourg*, considerado como o texto mais antigo escrito em latim figura-se entre a lista dos extratos de textos presentes na obra. Há, ao final deste texto, sua versão em língua francesa, revelando dessa forma a valorização da língua nacional no ensino das literaturas. No decorrer dos capítulos os autores também se mostram preocupados em traduzir para o francês contemporâneo, seja pela versão de poemas completos, seja em cuidadosas notas de rodapé, textos ou expressões escritas no francês arcaico.

Seis anos depois, em 1932, na cidade do Rio de Janeiro, era publicada a obra *Noções de História de Literatura Geral*. De autoria de Afranio Peixoto (1876 – 1947), então professor da Universidade do Rio de Janeiro, a elaboração do manual contou com a utilização de notas produzidas pelos discentes do curso de Literatura Geral; anotações estas que lhe foram gentilmente cedidas para consulta. No curto prefácio do livro, Peixoto relata de maneira íntima o processo de construção da obra:

Cumpri como pude. Notas de aula me foram mostradas: pasmei, de surpresa e de medo... São os leitores, bem sei, que fazem o destino dos livros: pro capitu lectoris habent sua fata libelli; mas também os ouvintes dão destino às nossas palavras... Não só ouviram o que quiseram, com o que puderam; era espantoso! [...] Juntei as minhas notas e aqui está o livro. (PEIXOTO, 1932, p. 5)

O manual tem caráter enciclopédico dado o grande número de páginas e de literaturas estrangeiras trabalhadas. Os capítulos I e II da obra trazem considerações críticas sobre a arte literária. Representações da arte como “um suplemento da vida, uma idealização da realidade” ou como “um espelho da vida, tal qual é, apenas

⁴ Ils se convaincront que, dans cet échange continuel d’oeuvres et d’idées, la France a plus donné qu’elle n’a reçu. Elle va parfois chercher chez ses voisins ce qu’eux-mêmes, en d’autres temps, avaient pris chez elle: ses emprunts sont souvent des recouvrements; leurs dons, des restitutions déguisées. (PAUTHIER, H., PAUTHIER, J., 1926, p. VI) Tradução feita pela autora do texto

transposição da vida, através da alma do artista” refletem o pragmatismo conceitual denunciado pelo autor na definição da matéria. Idealista ou realista, a literatura, em crise, dada a falência da crítica literária, que, tendenciosa, “traiu o espírito literário” é produzida com o objetivo único da premiação. Insistindo na definição da literatura como expressão da “felicidade de viver”, como “arte suntuária” o autor pensa o futuro da literatura e da impressão dos livros. (PEIXOTO, 1932)

Há quem pense, exageradamente, que no futuro não haverá bibliotecas ou coleções de livros, e sim discotecas, filmotecas, rádios, que nos farão ver e ouvir, sem letras, a ‘expressão’ das emoções e do pensamento artístico. [...] O disco, a fita, o rádio, prescindem de quem saiba ler; servirão, portanto, a imensas multidões, até de iletrados ... (PEIXOTO, 1932, p. 16-17)

A uso de ilustrações, em sua maioria desenhos em grafite dos escritores mais renomados, povoam o corpo do texto; recurso ausente nos demais manuais analisados. Também marca a singularidade da obra a utilização de um resumo histórico dos feitos sociais, políticos e econômicos de cada um dos povos apresentados na obra que introduzem os capítulos. Trata-se do que o autor nomeia por “sincronismo social” buscando a coincidência de datas na história dos diferentes povos.

A literatura francesa é trabalhada somente no capítulo IX. De maneira bastante resumida, em apenas vinte páginas, o autor percorre os principais aspectos e acontecimentos na história da literatura francesa do século X ao século XX.

Para Peixoto, a literatura francesa se compara em perfeição somente à grega, excedendo-se em grandeza e exaltando a superioridade francesa. Corneille, Racine, Molière, Pascal, Bossuet, Voltaire, Flaubert, Renan, Hugo, uma lista de numerosos nomes de destaque serve como argumento para ratificar a grandiosidade da representação da literatura francesa no mundo ocidental. Fazendo uso das palavras do crítico alemão E. R. Curtius (1886 – 1956) o autor define a literatura francesa como a expressão representativa dos destinos de sua civilização não ocorrendo situação comparável com nenhuma outra nação.

A última obra do gênero a ser analisada foi publicada na década de 1940. Escrito pelo poeta e também catedrático interino da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, Manuel Bandeira (1886 – 1968), o manual *Noções de História das Literaturas* é o último livro do gênero a ser publicado durante a vigência da reforma do ministro do Estado Novo, Gustavo Capanema, que mantinha tal conteúdo no currículo da instrução secundária.

A obra por nós analisada está em sua terceira edição e data de 1946 o ano de sua publicação. A única intenção na composição deste compêndio, segundo prefácio assinado por seu autor, foi a de atender ao programa de Literatura do Colégio Pedro II. Nesta terceira edição, quando já extinta a cadeira de Literatura no curso secundário, Manuel Bandeira nos alerta sobre o caráter enciclopédico e “demasiado vasto” da história das literaturas avultando o elemento compilador como necessário na construção da obra. A simplicidade e a clareza são predicativos dados pelo próprio autor ao trabalho da equipe que, apoiada nos mestres especialistas da história literária, empregou grandes esforços em resumir as lições.

Em quase quinhentas páginas escritas em língua portuguesa, a obra começa com algumas reflexões sobre o conceito de literatura e as influências que pesam sobre o fato literário. São vinte e cinco literaturas tratadas no compêndio sendo elas em ordem alfabética: Literatura alemã, literatura árabe, literatura assírio-babilônica, literatura brasileira, literatura castelhana, literatura catalã, literatura chinesa, literatura dos Estados Unidos, literatura francesa, literatura galega, literatura grega, literatura hebraica, literatura hindu, literaturas hispano-americanas, literatura holandesa, literatura inglesa, literatura italiana, literatura japonesa, literatura latina, literaturas nórdicas, literatura persa, literatura polonesa, literatura portuguesa, literatura provençal e literatura russa.

À literatura francesa foram dedicadas mais de cem páginas que apresentam a história da literatura francesa da Idade Média ao que Bandeira denominou por *Depois do Simbolismo*. Os subcapítulos são numerosos e em todos, trechos de obras da literatura francesa são transcritos como no original. Estrofes inteiras e títulos de poemas e obras são escritas em língua francesa, não havendo por parte do autor preocupação em traduzi-los para a língua portuguesa.

Por Bandeira, dada sua reconhecida habilidade literária, a narração da vida e da obra dos escritores franceses ganhou um tom lírico. Impressões do autor sobre os intelectuais franceses e episódios peculiares do cotidiano dos romancistas são lembrados no texto sendo dado um caráter literário ao trabalho de historiografia. Sobre a vida do escritor La Fontaine (1621-1695), escreve:

E a Fontaine amava e observava os animais, como amava e observava a natureza, de que soube falar com um sentimento que é raro no seu século. Certa vez, chegando tarde para um jantar a que fora convidado, desculpou-se dizendo ter parado em caminho para assistir aos funerais de uma formiga. (BANDEIRA, 1946, p. 71)

Em *Noções de História das Literaturas* há uma preocupação em trazer para o leitor a definição dada pelos escritores da literatura francesa do conceito de poesia e de

aspectos relacionados ao verso. Além do capítulo introdutório da obra, no qual o autor define a poesia, a prosa e o verso, esta temática se faz presente ao longo do texto. Assim, ele nos ensina que segundo Rimbaud (1854-1891) “a poesia deve ser um método para exaltar a vida e ultrapassar o homem” já para Paul Valéry (1871-1945) a poesia seria “a tentativa de representar ou de restituir por meio da linguagem articulada aquelas coisas ou aquela coisa que os gestos, as lágrimas, as carícias, os beijos, os suspiros procuram obscuramente exprimir” (BANDEIRA, 1946)

Ao final do mais volumoso capítulo da obra são elencadas oito obras que foram tomadas como fontes na composição do manual e que são aconselhadas para uso, pelos jovens estudantes, como ferramentas no aprofundamento dos estudos. Obras como *Histoire de la Littérature Française*, de G. Lanson e *Histoire Illustré de la Littérature Française*, de Abry, Audic e Crouzet foram indicadas como referências no estudo do tema.

Algumas considerações

Buscamos com esta pesquisa analisar o modo como a literatura francesa é representada e ensinada nos capítulos a ela referentes em livros de história literária produzidos para o ensino secundário, sobretudo para o Colégio Pedro II, entre os anos 1873 e 1946. Para tanto, além das correntes teóricas e metodológicas defendidas ou adotadas pelos autores, apontamos o lugar institucional por eles ocupados e as condições de produção, publicação e circulação de compêndios escolares no período recortado. Vimos que há ora um movimento em defesa da sistematização do conteúdo de ensino pela historiografia e ora um período de rejeição da apresentação do conteúdo literário tomando por base a história política, econômica da França prevalecendo nesta disputa o ensino da literatura francesa por sua historiografia. De 1873 à 1946 analisamos sete compêndios sendo os estudos iniciados com **Resumo de História Literária**, do Cônego Fernandes Pinheiro, por considerarmos ser esse o livro que inicia, por assim dizer, a historiografia brasileira da literatura francesa, e encerramos com **Noções de História das Literaturas**, de Manuel Bandeira, último livro do gênero a ser publicado durante a vigência da reforma do ministro do Estado Novo Gustavo Capanema, que mantinha tal conteúdo no currículo da instrução secundária.

Referências

BANDEIRA, Manuel. **Noções de História das Literaturas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3ª. Ed., Vol. 4, 1946.

BRUNETIÈRE, Ferdinand. **Histoire de la Littérature Française**. Tome Quatrième. Le dix-neuvième siècle. 2e. Édition. Paris: Librairie Delagrave, 1919.

BRUNETIÈRE, Ferdinand. **Manuel de l'Histoire de la Littérature Française**. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1898.

GODEFROY, Frédéric. **Histoire de la Littérature Française**. Depuis le XVIIe. Siècle Jusqu'à nos Jours. 2e. Édition. Tome I. Paris: Kraus Reprint LTD, 1879.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)**. Campinas: Pontes, 2015.

PAUTHIER, H., PAUTHIER, J. **Notions d'Histoire Littéraire: Littératures anciennes - Littérature française - Littératures étrangères. Avec des Extraits des principaux écrivains**. Paris: Librairie Armand Colin, Huitième Édition, 1926.

PEIXOTO, Afranio. **Noções de História de Literatura Geral**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1932.

PINHEIRO, J. C. Fernandes. **Resumo de Historia Litteraria**. Rio de Janeiro: B. L., Garnier, Tomo I, 1873.